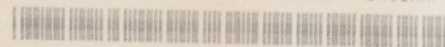


Artistas e intelectuais discutem

Campinas é centro cultural

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE029778



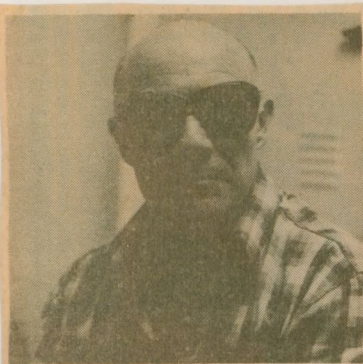
Na mesa-redonda, predominaram críticas às falhas na organização de atividades culturais em Campinas

Após alguns anos vivendo na sonolência, o Museu de Arte Contemporânea de Campinas voltou a ser centro das atenções da comunidade. A seção de seu espaço para abrigar a exposição de canários, motivou protestos dos mais variados de artistas plásticos e intelectuais. O patrimônio artístico da cidade retorna ao debate e percebe-se no ar a expectativa de artistas plásticos, escritores, poetas, músicos, teatrólogos e professores ligados às áreas culturais em torno do que pode acontecer nos próximos meses a fim de que a herança artística de Campinas seja novamente respeitada de acordo com sua qualidade e importância no cenário histórico e cultural do País.

Da polêmica nascida com o Museu de Arte Contemporânea, outras áreas artísticas iniciaram uma fase de manifestações demonstrando a preocupação quanto ao abandono da cultura e a displicência com que ela é tratada pelos poderes públicos.

Para provocar maior debate sobre o assunto, o CORREIO POPULAR reuniu no final do mês de junho dois artistas plásticos, um poeta, um teatrólogo e um pesquisador de cultura popular para falarem sobre suas expectativas, opiniões e saídas para os problemas vividos por eles e seus colegas profissionais.

Durante duas horas, o debate foi acompanhado pelo artista plástico, cenógrafo e arquiteto Geraldo Jurgensem, pelo artista plástico autodidata Thomás Perina, pelo teatrólogo e crítico de teatro Edgar Rizzo, pelo professor Achiles Piedrabuenas, estudioso da cultura popular e professor da Unicamp, e pelo poeta e jornalista Maurício de Moraes. A mesa redonda foi coordenada por Marcel Cheida.



Thomas Perina

Centro de cultura: Campinas

Perina: Campinas é um manancial de artes. De artistas. Uma pena que perdemos o Salão de Artes, que nós tínhamos anualmente aqui e que, felizmente, os quatros últimos foram os mais importantes realizados no Brasil. A secretaria de Cultura convidou um grupo de críticos dar o caráter do salão. Isso trouxe muitos artistas. Os medalhões que nós temos no Brasil para exposição e debates. Agora, o que sinto falta em Campinas há certo tempo, é a inexistência de críticos de arte. Estão ignorando a existência de críticos de arte. Se bem que, para teatro e cinema tem. Mas, dentro de artes plásticas há muito tempo que não temos um crítico.

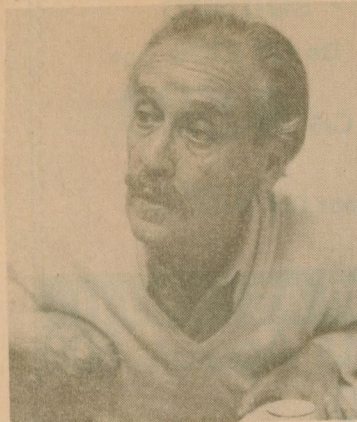
Marcel: Qual a dificuldade para se formar um crítico de arte?

Perina: Eu tenho uma idéia. Talvez seja até imbecil: como há duas universidades em Campinas, a Unicamp e a Pucc, esta última com sua faculdade de Comunicações, poderiam organizar visitas dos alunos em exposições e fazê-los descrever as obras em textos para serem publicados, o melhor, é claro, nos jornais. Daí poderiam surgir críticos de arte. Na literatura, nas artes plásticas, no cinema.

Maurício de Moraes: Estou sentindo que Perina insinua visando a que as nossas duas universidades, centros de cultura eclética, a meu ver, incentivem a vocação à crítica. Na análise substancial do que é e deve ser a crítica, para nós uma vocação literária a par das demais, só que, por óbvio, exige não apenas conhecimentos básicos de literatura e de artes, como vivência e sinceridade comportamental no que diz respeito a obras e seus autores. Temos o exemplo de Mário de Andrade que, em sendo grande poeta, notável musicista e pensador, soube manusear o espírito crítico para julgar com discernimento, coragem e, sobretudo, conhecimento de causa. Tivemos, por exemplo, Agripino Grieco, em várias décadas tido e havido como um crítico ferino, por vezes cáustico e ainda mais quando se lhe dava de espinafrear autores que ele considerava à altura da sarjeta e que o fazia sem dó nem piedade. Mas era também sincero e nunca padecia dúvida de que conhecia o metiê. Achamos que para ser crítico, porém, faz-se mister que o responsável pelo trabalho seja culto, tenha muita leitura, conheça em profundidade a sua jurisdição de trabalho e pelo menos conte com a experiência que somente os anos podem dar.

Por mais inteligente e talentoso que seja um analista de poesia, por exemplo, ele precisa ter vivência e somos capazes de ir mais longe: se possível ter alcançado para ler Baudelaire ou Neruda ou Leopardi ou Amado Nervo e Keats no original. Cada poeta se exprime no próprio falar, seu sentimento atém-se à língua que

aprendeu desde a infância e ele jamais poderá ser falso nas reações do seu telurismo carismático. Como no poema de Robert Denon, aquele jovem, quase menino, poeta que morreu diante de um pelotão de fuzileiros alemães e que teve a sublime coragem de



Maurício de Moraes

falar: "E por vocês que eu morro, imbecis!"

No que tange propriamente às artes campineiras, que se recia em Campinas, sou dos que acreditam que as artes plásticas, assim como a música (ai está a esplêndida Orquestra Sinfônica de Campinas dando provas da assertiva) estão plenamente compostas de alto valor e dignas dos aplausos e do reconhecimento dos mais adiantados centros culturais do País e até além das fronteiras. Quanto à poesia — você me pergunta — só posso lamentar que haja entre nós poetas que ainda estão presos ao século camoneano dos decassílabos tipo papel carbono ou xeroxeados (o que é mais atual), desde que a maioria desses escrevinhadores ainda não tomou ciência de que o mundo envolveu no sentido de uma dinâmica indimensional, onde a violência, os desencantos, a amargura e os desencontros emocionais impregnam atmosfera de guerra fria em toda a sociedade que se desagrega num realismo brutal, mas que, felizmente, ainda agasalha esperanças de um mundo melhor. Temos sim alguns bons poetas e que bem cabem em quaisquer de nossos centros mais desenvolvidos. Eles dispõem de um lirismo sadio e que, como no dizer de Jean Royère, "A verdadeira poesia é profunda e nebulosa. Ela vem dos confins do homem". E também porque não se aceita que o poeta se perca na tortura do vocábulo, como no caso de Constantin Leontieff, que tinha horror de morrer sem haver florescido. Achamos que há, por aí afora, centros menos desenvolvidos (?) do que Campinas, onde a poesia atingiu clima muito mais definitivo e orgânico. Não consideramos a poesia que precisa explicar, que a poesia não é contrato de posse ou cessão de riquezas, ou coisa semelhante, que se deve esclarecer.

Carência de críticos

Thomas Perina: Essa proposta que fiz é por causa dessa carência que estamos sofrendo a um certo tempo. Então, vamos provocar possíveis valores que possam ser gerados, porque em Campinas há elementos capacitados. E se você permitir, acredito que você (Maurício) é um deles, mas você não quer atuar como crítico clínico.

Maurício: Talvez eu não tenha essa oportunidade. Eu gostaria de atuar nessa área.

Perina: Então, estamos perdendo você. Em você eu reconheço essa capacidade. Mas você nunca quis ou nunca teve essa oportunidade como você está citando agora para poder atuar.

Maurício: Bem... com relação à arte poética eu tenho feito.

Perina: E essas considerações que tenho por você não é por causa dos elogios, mas é porque você a analisava clinicamente. Pois então, há elementos que têm capacidade de atuar nesse sentido, ou se negam ou não tem possibilidade, ou não cuidam de criticar.

Maurício: Bem eu quero informar uma coisa para você. Não se trata de elogio. Elogio é quando uma pessoa não tem valor nenhum então recebe aquilo no sentido de elogio. Quer dizer, vamos dar uma colher de chá. Não se trata disso. Trata-se de uma opinião de reconhecimento, uma opinião.

Por isso eu digo a você, Thomas. Vocês, em artes plásticas aqui em Campinas, estão à vanguarda dos outros compositores de pensamento e fixadores de arte. Porque vocês têm realizado um trabalho, e digo mais, vocês não têm tido uma assistência que vocês pretendem, que vocês gostariam de ter.

Exposição de canários

Perina: O que está acontecendo no MAC em relação à exposição dos canários é uma ignorância de causa. O próprio secretário, em recente depoimento que fez, disse estar entre a cruz e a espada. Estava entre a cruz e a espada. Estava entre o certo e o errado. Ele pendeu para o errado porque ele quis. Porque ele ignora os fatos. Apenas isso aí? O secretário de Cultura independe de estatutos, ele tem que ter conhecimento de causa, da função da



Geraldo Jurgensem

Secretaria e saber dirigir as coisas. Ele tem que saber como dirigir o Museu.

Jurgensem: - O J. Toledo e eu já temos atuado no MAC como conselheiros, no ano, na vigência de Lauro Péricles Gonçalves, cujo secretário era o sr. José Alexandre dos Santos Ribeiro e a diretora era a Marilúcia Vacchianno. Nesse tempo, até o Biojone pediu demissão do cargo de conselheiro do MAC porque todas essas sugestões que nós dávamos, não eram bem acatadas, não eram levadas avante, e não eram aprovadas, e quando não aprovadas, não eram levadas a efeito, por quê? Por falta de verbas. Então, tudo era falta de verbas.

E atualmente não existe mais essa função de conselheiro do MAC. Mas, eu e o Clodomiro Lucas, que substituiu o J. Toledo, somos ainda conselheiros, mas nada se faz para o MAC. Você sabe qual o atual diretor do Museu?

Perina: A secretaria de Cultura. O Museu não tem um diretor a parte. Tem três funcionárias que cuidam dele, são as coordenadoras. Mas, são subalternas, rece-

bem ordens apenas para montar e desmontar as exposições, elas não têm possibilidades de tomar iniciativa de nada. Elas não têm esse direito. Mesmo que elas tenham idéias, não podem chegar ao Masp em São Paulo por exemplo e trazer de lá uma exposição sem autorização o da Secretaria de Cultura.

Jurgensem: Agora, é necessário intercâmbio de obras de arte com Museus do Brasil com o nosso, não só da capital e os artistas em divulgar nossa memória cultural através de palestras e conferências e a incentivo necessária nas escolas, nas faculdades, nos grupos escolares, como eu e Perina tivemos a oportunidade de presenciar, em certa ocasião, o Museu de Miró-Juan Miró, na Espanha; você via filas de estudantes, escolares, 5, 6, 7 anos de idade, que vão ali para ter aulas de arte, no lugar, dissertando sobre a obra, o contato com a obra. Outra coisa: uma triagem. Muitas vezes entram no museu aquelas pessoas que não têm cultura, vamos dizer, no setor de artes plásticas e se deparam com obras, que se interagem, não categorizadas, no Centro de Convivência Cultural. A pessoa entra ali... Mas isso é uma obra de péssima qualidade, mas o museu de arte está no Centro de Convivência... e a pessoa não tem cultura e vai ali recebe uma falsa mensagem de cultura.

Perina: - O Geraldo está falando o seguinte: não há pessoa capacitada na direção da Secretaria para determinar uma característica dos espaços que o Centro de Convivência e o Museu merecem levar-lhes uma linha...

Jurgensem: Uma linha contemporânea...

Perina: Porque como pertencem à Prefeitura estão obrigados a fazer as exposições apenas no sentido didático, e acompanhar o movimento. Não é uma galeria comercial que expõe o que bem entende. Ali não, tem que haver critério, adotar um critério mais sério.

Jurgensem: Agora, nós temos que nos debater pela arte contemporânea, pelo esclarecimento do que se faz hoje. Então há uma dúvida: porque então não se colocar uma exposição de arte acadêmica no Museu de Arte Contemporânea? Houve, por exemplo, ameaça de se converter o Museu de Arte Contemporânea em Museu de Arte Acadêmica. Isso é falta de esclarecimento.

Marcel: Talvez haja necessidade dos Museus, das galerias, do patrimônio cultural da cidade serem mais dinâmicos, se entrosarem com a comunidade.

Desconhecimento das artes plásticas

Perina: Nesse sentido que você expõe agora, não. Precisa ter elementos capacitados que atuem e saibam dirigi-los, saibam fazer a programação. Lembro-me de acontecimentos. Numa das administrações municipais, se não me engano na de Lauro Péricles, estava coordenando tanto o Museu como o Centro de Convivência a Maria Luiza Strauss, que teve a primeira galeria de arte, em Campinas, no estilo contemporâneo, que foi a galeria Girassol. Ela é capacitadíssima. Mas, na gestão do Amaral, ela se retirou, porque a secretária de Cultura, que era a filha do Amaral, dizia que não aceitava a arte contemporânea e começou a programar ela mesmo programações de pinturas elementares. Então necessita-se de

CAMPINAS, é centro cultural: Artistas e intelectuais discutem. Correio Popular, Campinas, 04 jul. 1982.

peessoas capacitadas que saibam adotar critérios corretos.

Jurgensem: Essa Maria Luiza Strauss, por exemplo, é uma pessoa indicada. É uma das pessoas indicadas aqui em Campinas.

Teatro, luta pessoal

Edgar Rizzo: Eu acho que o teatro em Campinas anda bem. O teatro sempre é um passageiro de segunda classe, porque, eu penso que em Campinas temos uma grande Valorização para a música... os artistas plásticos aqui presentes podem se sentir privilegiados porque eles têm os salões e os espaços e as outras artes não têm nem isso. Porque a gente está a caminhar na medida que pode. Na garra, na boa vontade, na união das pessoas, na desunião, na briga, mas sem apoio de ninguém realmente. Então, o que está aí eu acho que foi conseguido individualmente, ou em grupos isolados. Felizmente, o pessoal luta bastante, põe dinheiro do bolso, perde dinheiro para fazer...

Jurgensem: Eu por exemplo, como cenógrafo, quantas vezes aconteceu um fato interessante, curioso, nós artistas plásticos fomos procurados por cenógrafos de teatro que nos pediram uma obra de arte para ser vendida afim de obterem dinheiro para fazer a cenografia.

Edgar: É, o Geraldo é um testemunho vivo, o Perina é outro testemunho, de que há gente, que fez muita coisa e que não cobrou nada, entendeu?

Jurgensem: - Já fiz cerca de 50 cenários, todos eles gratuitos

Edgar: Eu fui um dos que conseguiram com o Geraldo um cenário de graça. E cartazes, e outros trabalhos, assim, da arte dele. Eu acho que o teatro, realmente, está muito bem por não ter apoio de nada. Tanto é que em janeiro do ano passado a gente fez a campanha de popularização levando o teatro ao povo, porque o povo, como já dissemos aqui, desconhece o que tem e a gente o fez com uma verba de Cr\$ 500 mil, quer dizer: é uma irrisória verba e se fez um mês de atividade teatral, e os grupos se contentaram em ir lá para o povo vê-los, mesmo sem ter o mínimo lucro.

Porque Cr\$ 50 mil de verba para cada um dava apenas para transportar o seu cenário de um depósito, ou de onde estivesse jogado, para o teatro. Então, eu acho que o teatro ainda, apesar de tudo, está conquistando o seu público. Por outro lado, a arte é inconveniente para as autoridades. Ela torna-se um veículo que pode incomodar, que pode fazer as mentalidades mudarem... porém, a arte não derruba governo. Ela incomoda porque ela esclarece.

Talvez a única saída que o povo tem para fazer alguma coisa. Então, você precisa de um cara para a Secretaria dos Negócios Jurídicos, você põe um advogado lá, se você precisa alguém para

Obras, você põe um engenheiro, alguém que entende. Agora, aquele coitado, parente do fulano, que não sabe fazer nada, ele é parente do Cunha Bueno, de não sei quem, então ele vai para a Secretaria de Cultura. O que ele entende? Nem de artes plásticas, nem de música, nem de nada. E como eu dizia para você, os artistas plásticos e a música ainda estão bem. Porque se dá importância à Orquestra Sinfônica. Nós estamos numa fase mais perigosa. Até um pouco de regressão.

Crítica

Sobre a crítica, o desaparecimento da crítica, eu acho que a crítica sempre é uma decorrência da produção artística. Se não temos produção no campo teatral, não vamos ter necessidade dos críticos. A medida que as obras vão acontecendo, aparece alguém para criticar. A crítica motiva, ela vai fazer corrigir os erros, ela vai fazer as pessoas se lançarem a uma vanguarda. O Perina falou da gente ter um crítico de arte saindo das faculdades. As faculdades de Letras deveriam projetar pessoas que escrevessem. Não temos grandes escritores, grandes dramaturgos, nem críticos. As faculdades devem ter essas funções. De pelo menos despertar o gosto "para", ou fazer as pessoas descobrirem "como". Quem é já nasce. Eu acho que deveria haver um profissionalismo nesse sentido. Os órgãos que se interessam pela crítica deveriam dar condições para se trabalhar.

O prof. **Achiles Piedrabuenas** referiu-se ao fato de que enquanto Campinas possuía duas Universidades, duas academias e um potencial realmente notável, haveria necessidade de aproximar a cultura do povo e para esse mister seria preciso uma escada, pois o importante é promover a população visando a que ela possa chegar onde está a arte.

Compreende-se que uma pessoa do povo não tenha condições de apreciar uma obra, digamos, de características modernas, como a que realizam nossos artistas plásticos. Tudo, pois, depende de contactar povo com arte moderna, sendo interessante que se fale dessa arte, que se ressalte de uma aproximação realmente válida. Aludiu à questão que considera relevante é que deve ser a permanente ligação entre artistas e aqueles que mesmo apreciando a arte - a arte moderna - sentem alguma dificuldade em apreender a sua importância e na verdade de seus valores eternos, se não se usar uma linguagem simples, clara e acessível, a fim de completar esse liame imprescindível aquilo que estamos chamando de "levantamento cultural da memória de uma cidade".

Piedrabuenas mencionou ainda o fato de que entre nós tem havido um certo desprendimento com relação à vivência de nossos valores fundamentais à preservação da arte em todas as suas expressivas moldurações. Disse que quando, a serviço da UNICAMP, de que é professor, esteve no Maranhão, pôde sentir que se tem dilapidado de maneira abusiva o nosso patrimônio estético. É uma pena - salientou - que não se procurem recursos para conservar riquezas semelhantes e que, indiscutivelmente, fazem parte das próprias conquistas nacionais.

Sintetizando seu pensamento, o prof. **Achiles Eugénico Piedrabuenas** fez profissão de fé nos destinos culturais de Campinas, desde que, conforme disse, a cidade conta com valores expressivos e dispõe de perspectivas altamente rentáveis ao florescimento não apenas das artes plásticas, como das demais, pois que ainda repousa sua filosofia de criatividade em uma tradição verdadeiramente soberba.

Educar o povo para a arte



Edgar Rizzo



Achiles Piedrabuenas